

Jean Grémillon – O Outro Gigante

«Para nós, era uma evidência que Grémillon foi o maior cineasta francês dos anos 30-50 a par de Renoir.»

Jean Douchet



REMORQUES (1939-41)

Em fevereiro, a Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema apresenta uma vasta e quase completa retrospectiva da obra de Jean Grémillon (1901-59), um dos grandes nomes do cinema francês clássico, mas também um *cineasta maldito*, que teve vários projetos frustrados e nunca teve

o reconhecimento que merecia, apesar da admiração de críticos, historiadores e colegas. Chama a atenção o facto de apenas quatro dos seus filmes terem tido distribuição em Portugal à época em que foram realizados. Grémillon pertence a uma geração de realizadores franceses

na qual avultam os nomes de Jean Renoir, René Clair, Julien Duvivier e Marcel Carné, que fazem a glória do cinema francês clássico com as suas obras extremamente variadas. A sua figura e a sua obra situam-se certamente no mesmo patamar. Dos seus contemporâneos franceses, aquele de quem ele é mais próximo é sem dúvida Jean Renoir, o mais inclassificável de todos. Como ele, Grémillon abordou diversos géneros cinematográficos, mas sempre um pouco ao lado das convenções de género.

Ao longo dos anos, a Cinemateca Portuguesa mostrou quase toda a obra de Grémillon, sem deixar de lado nenhum dos seus filmes importantes, alguns dos quais foram mostrados mais de uma vez. Trata-se, porém, da primeira vez que a sua obra é aqui reunida numa retrospectiva, à qual faltam apenas algumas curtas-metragens, mas que inclui várias longas-metragens raríssimas, como *Valse Royale* e *Pattes de Mouche*.

A obra de Grémillon atravessa todas as etapas do cinema clássico francês, do período mudo ao momento em que nascia a Nouvelle Vague, em fins dos anos 50 e em todas estas fases o seu cinema deixou a sua marca. Pertencendo a uma geração ainda muito próxima do nascimento do cinema, Grémillon refletiu muito e escreveu diversos textos sobre a natureza do cinema, em particular sobre a noção de realismo, que no seu cinema nunca se aproxima do naturalismo: ele buscava “a transformação de uma realidade

específica numa realidade superior”. Alguns admiradores de Grémillon perguntam-se se uma das razões do seu cinema não ter tido mais impacto não se deve ao facto da sua linguagem ser clássica, não espalhafatosa, da sua vontade de dizer mais com menos. No entanto, Grémillon tem um sentido visual agudo e gosta de grandes cenas “barrocas”, festas ou bailes de máscaras em que os conflitos explodem e a verdade sobre as personagens se revela.

A curva da carreira de Jean Grémillon é marcada por altos e baixos. Depois de realizar vinte curtas-metragens documentais (que se perderam), Grémillon realiza, ainda no período mudo, os esplêndidos *Gardiens de Phare* (1926) e *Maldone* (1927), o primeiro passado num farol e com ecos visuais do cinema de vanguarda, o segundo quase inteiramente filmado ao ar livre. No início dos anos de 1930, quando o cinema sonoro se impõe, as novas convenções narrativas ainda não se tinham definido e a linguagem



GUEULE D'AMOUR (1937)

cinematográfica era livre. No entanto, os dois primeiros filmes sonoros de Grémillon – os extraordinários *La Petite Lise* e *Dainah, la Métisse* – eram de tal modo insólitos que ele se tornou *persona non grata* entre os produtores. Exilou-se então em Espanha, onde realizou dois filmes extravagantes e dali passou a Berlim, realizando nos estúdios da UFA três filmes. O terceiro, *Passou uma Mulher* (*Gueule d'Amour*, de 1937), com Jean Gabin então no auge da sua carreira e do seu mito, foi um grande êxito e fez de Grémillon um realizador de prestígio. Paradoxalmente, foi durante a Segunda Guerra Mundial, quando a França estava ocupada pela Alemanha nazi, que este homem de esquerda, companheiro de viagem do Partido Comunista e ligado a movimentos de resistência, chegou ao cimo da sua carreira. O facto de realizadores franceses de grande prestígio, como Renoir, Clair e Duvivier se terem expatriado em Hollywood abriu espaço e, apesar das terríveis circunstâncias, entre 1941 e 1943 Grémillon realiza três dos seus filmes mais admirados: *Remorques*, *Lumière d'Étè* e *Le Ciel est à Vous*.

Mas o período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial foi marcado por uma série de frustrações. O seu documentário sobre a libertação da Normandia, *Le Six Juin à l'Aube*, encontrou obstáculos junto às forças militares americanas, mas foi levado a cabo. Mas um ambicioso projeto sobre a Comuna de Paris e um filme passado entre a Guerra

de Espanha e a libertação de Paris tiveram de ser abandonados por falta de financiamento. Até mesmo uma encomenda oficial do Estado para um filme sobre a revolução de 1848 foi posta de lado, sem dúvida devido ao tenso contexto político da época. O fracasso comercial de *O Amor de uma Mulher/L'Amour d'une Femme* (1953) pôs fim à sua carreira e nos seus últimos cinco anos de atividade Grémillon só pôde realizar curtas-metragens, sobre temas tão variados como a alquimia, a astrologia, as tapeçarias de Gobelins e a pintura de André Masson.

Grémillon ficou muito ligado à Cinemateca Francesa, da qual foi presidente entre 1944 e 1958, o que contribui provavelmente para que os seus filmes não se perdessem e não fossem esquecidos. Embora nem sempre seja fácil definir o que faz a qualidade e a beleza do seu cinema, o crítico e historiador Bernard Eisenschitz conseguiu-o, com as seguintes palavras: “*Grémillon insiste num cinema da responsabilidade, um cinema popular, que combina as forças da ficção e as da não-ficção, os valores artesanais e a inspiração de um autor. O que caracteriza os filmes mais conseguidos de Grémillon é o seu domínio sobre o material sobre o qual trabalha. Mas há um outro aspecto, ausente dos comentários críticos, mas evidente nos filmes: a afirmação da impossibilidade da harmonia, os conflitos entre o amor e a vocação resolvidos sem as mitologias que sempre lhes são associados, as contradições sociais que explodem em frustrações sexuais*”.

Desta vasta obra avultam os seus dois filmes mudos *Maldone* e *Gardiens de Phare*, que serão apresentados na Cinemateca com música ao vivo por Filipe Raposo; os seus dois primeiros e insólitos filmes sonoros, *La Petite Lise* e *Dainah, la Métisse* (cujos protagonistas são dois negros, facto raríssimo à época); *Gueule d'Amour/Passou uma Mulher* e *L'Étrange Monsieur Victor/Um Erro Judiciário*, que levam ao auge as características do melhor cinema

francês dos anos 30 (uma das idades de ouro daquela cinematografia) e contam com desempenhos excepcionais de Jean Gabin e Raimu; o sombrio *Remorques* (com Jean Gabin, Michèle Morgan e Madeleine Renaud) e *Le Ciel Est à Vous*, história de uma dona-de-casa que bate um record de aviação e que também é um apelo à resistência na França ocupada pelos nazis.

Filmes a exhibir:

CHARTRES (1923)

MALDONE (1927)

GARDIENS DE PHARE (1929)

LA PETITE LISE (1930)

DAINAH LA MÉTISSE (1931)

POUR UN SOU D'AMOUR (1932)

LA DOLOROSA (1934)

CENTINELA ALERTA! (1935)

VALSE ROYALE (1935)

LES PATTES DE MOUCHES (1936)

GUEULE D'AMOUR (1937)

L'ÉTRANGE MONSIEUR VICTOR (1938)

REMORQUES (1939-41)

LUMIÈRE D'ÉTÉ (1942)

LE CIEL EST À VOUS (1943)

LE SIX JUIN À L'AUBE (1944-45)

PATTES BLANCHES (1948)

LES CHARMES DE L'EXISTENCE (1949)*

L'ÉTRANGE MADAME X (1951)

LES DÉSASTRES DE LA GUERRE (1950)*

L'AMOUR D'UNE FEMME (1953)

* co-realizado com Pierre Kast

